

CRIANÇAS

Estudo Tablets ganham terreno e são dados cada vez mais aos mais pequenos. Acesso à internet dispara a partir dos seis anos

Quando TV, tablet e telemóvel se transformam em babysitters



Texto **ISABEL LEIRIA**
Infografia **CARLOS ESTEVES**

Os canais infantis, tipo Panda, são uma espécie de porto seguro que deixa os pais descansados e com tempo para tratar da casa. Os tablets são o bom gadget, cheios de potencialidades educativas. Com a internet é que é preciso ter mais cuidado. E por isso, a tendência é para adiar o início da navegação online. O computador de secretária é coisa do passado. Cada ecrã tem a sua particularidade, a sua utilização, os seus cuidados. Mas com algo em comum: por causa do seu enorme poder de atração sobre as crianças, são muitas vezes utilizados pelos pais como um calmante, uma moeda de troca ou uma babysitter virtual. Mesmo que, por vezes, acompanhado por um certo "sentimento de culpa" dos adultos quando explicam os "usos apaziguadores dos ecrãs".

"Há coisas para fazer. Não há outra hipótese", desabafa uma das mães ouvidas no âmbito do primeiro estudo nacional sobre o uso de meios eletrónicos por crianças entre os 3 e os 8 anos. "Crescendo entre ecrãs" resulta de uma parceria entre a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) e uma equipa da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa. Esta terceira edição do inquérito ao consumo de *media* dedica-se aos hábitos dos mais novos e ao acompanhamento e preocupações

dos pais. Partiu de um inquérito a 656 pessoas (numa amostra nacional representativa das famílias com crianças entre os 3 e os 8 anos) e ainda de entrevistas em lares de 20 famílias.

Uma das primeiras constatações é a de que haver ou não crianças em casa muda o "mobiliário" tecnológico. Onde há filhos pequenos há mais *gadgets*, em particular *tablets*. Se até há poucos anos eram absolutamente residuais, os dados deste inquérito, aplicado em 2016, mostram que existem em 68% dos lares onde moram crianças nestas idades. Num outro estudo da ERC, de 2015 e que incidia sobre toda a população adulta, apenas 30% dos inquiridos referiram ter um *tablet*.

"A desmesura no número de brinquedos da criança, entre eles os eletrónicos, foi notada em muitos espaços observados e destacada por alguns pais", sublinha-se no relatório, que será disponibilizado em breve pela ERC. Sobretudo nas famílias com um filho, pais e avós "querem pro-

porcionar acesso a experiências e bens que gerações anteriores não dispuseram", contextualiza-se. Sem surpresas, a televisão é omnipresente e existe em 99% das casas (TV ou Smart TV), seguida de perto pelo telemóvel (92%). Computadores portáteis e *tablets* surgem a seguir. Sendo que no caso deste último equipamento pertencem sobretudo às próprias crianças, já que são vistos pelos pais como "um dispositivo digital adequado" àquelas idades.

É certo que é no uso da TV que há menos restrições colocadas pelos pais. São os ecrãs que mais podem ligar e ver, e mais de metade das crianças (59%) tem uma televisão para seu uso pessoal. Mas no caso do *tablet* os números são ainda mais expressivos: nas casas onde existem, praticamente duas em cada três (63%) crianças possuem um equipamento destes só para si. O cenário muda consideravelmente no caso dos telemóveis. Menos de metade podem usar e só a partir dos 6 anos é que há mais miúdos a ter um para si (ver infografia).

Nas entrevistas às 20 famílias, houve referências à televisão como "*babysitter*" e como distração enquanto estão a ser vestidas ou a comer. *Tablets* e *smartphones* são usados também à hora da refeição, para acalmar ou distrair, ou como "moeda de troca por bom comportamento ou desempenho na escola".

1h41 de TV por dia. Três ao sábado

A questão é saber o que fazem os miúdos com estes meios e o que é que os pais os deixam fazer. Menos de metade manifesta preocupação com o consumo televisivo dos filhos, que consideram

"sob controlo". "A televisão aparece como um ecrã seguro, apaziguador e integrador", lê-se nas conclusões do relatório. O tempo passado à frente do ecrã — em média 1h41 por dia de semana e 2h51 aos fins de semana — acaba por ser a maior preocupação.

"A televisão já faz parte da mobília da casa há gerações, é um meio familiar aos próprios pais, que já tiveram uma na sua infância, o que não acontece com a internet. Em Portugal, como noutros países da Europa do Sul, a internet está associada a dois grandes medos: que a criança seja contactada por estranhos e que veja imagens com conteúdos sexuais. Mesmo em crianças desta idade, que praticamente não fazem uso das redes sociais, o medo do estranho (leia-se pedófilo, raptor) aparece no discurso dos pais", comenta a coordenadora do estudo, Cristina Ponte.

Diz-se que a TV é o ópio do povo, mas as experiências de muitos pais podiam levá-los a dizer que o ecrã da TV é o calmante dos filhos. Quando se perguntou se a "criança" estava calma quando via televisão, 73% responderam que sim e apenas 4% disseram que não. "Quando está a ver TV tenho um tempo de descanso" mereceu também a concordância de mais de metade dos inquiridos. "Os pais confiam nos canais para crianças (como o Panda ou o Disney), que aparecem como jardins 'murados', sem conteúdos desadequados à criança, sem imagens de cariz violento ou sexuais. Estes canais favorecem os tais momentos de apaziguamento — a criança está entretida, a ver algo do seu interesse —, enquanto os pais podem estar a preparar o jantar ou a tratar de outras tarefas domésticas",

explica a investigadora. Mas também de "entretenimento solitário", acrescenta, lembrando que apenas 30% das crianças do estudo têm irmãos em casa.

O Panda, a novela e as notícias

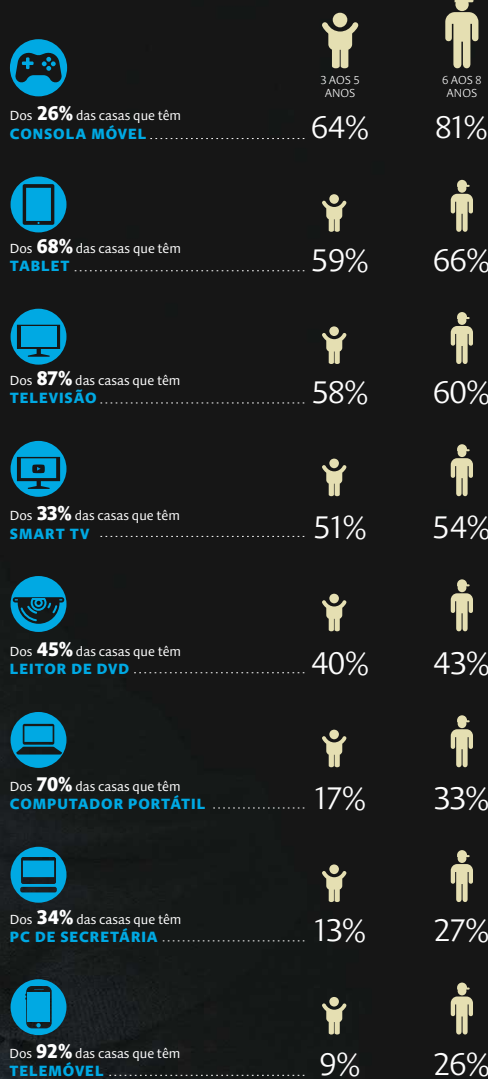
Se o Panda é o canal mais visto (75% veem-no todos os dias) e os programas de desenhos animados os preferidos, com a "Patrulha Pata" na liderança, os canais generalistas fazem também parte dos hábitos de consumo — primeiro TVI, depois SIC, RTP1 e RTP2. Estes proporcionam momentos de convívio familiar, com 37% dos pais a verem telenovelas com os filhos (entre os adultos menos escolarizados a percentagem sobe até aos 50%). Os programas de descoberta de talentos são vistos em conjunto em um terço das casas e, mais surpreendente, atendendo às idades em causa e à "grande violência" de muitas das notícias passadas, um quarto dos pais disse ver noticiários com os filhos. Os *reality shows*, sendo consumidos por

A TV É OMNIPRESENTE, O CANAL PANDA É O PREFERIDO, O TABLET É O GADGET BOM, MAS COM A INTERNET É PRECISO TER CUIDADO

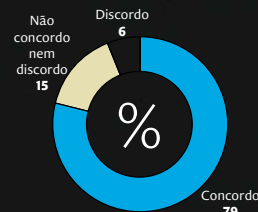
Meios digitais enchem casas com crianças

Inquérito a pais com crianças entre os 3 e os 8 anos

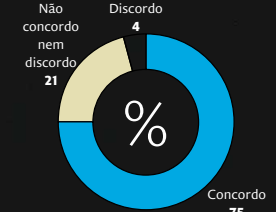
A QUEM PERTENCEM OS EQUIPAMENTOS



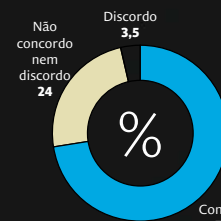
HÁ MUITOS PROGRAMAS DE TV QUE SÃO BONS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA



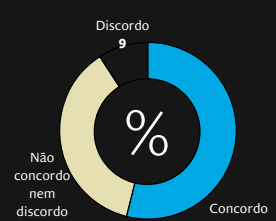
O USO DA INTERNET É BOM PARA O DESENVOLVIMENTO DO MEU FILHO



A CRIANÇA ESTÁ CALMA QUANDO VÊ TV



O MEU FILHO FICA CALMO QUANDO ESTÁ NA INTERNET



PROGRAMAS MAIS REFERIDOS

Universo de 262 crianças entre os 6 e 8 anos

1	Patrulha Pata	22
2	Morangos com Açúcar	19
3	Inspector Max	11
4	Chica Vampiro	10
5	Prego Certo	10

TIPO DE PROGRAMAS VISTOS PELOS PAIS COM A CRIANÇA

Em %

1	Desenhos animados	97
2	Outros programas infantis	72
3	Programas sobre animais/natureza	52
4	Telenovelas	37
5	Filmes	34
6	Séries juvenis	34
7	Programas de descoberta de talento	33
8	Desporto	29
9	Programas de música	27
10	Séries	26
11	Concursos	24
12	Noticiários	24
13	Documentários ciência/história	19
14	Talk shows/Programas manhã/tarde	17
15	Reality shows	15

FREQUÊNCIA DE ACESSO À INTERNET

3 AOS 5 ANOS	6 AOS 8 ANOS
6% VÁRIAS VEZES AO DIA/TODOS OS DIAS	28%
16% MENOS FREQUENTE	34%
77% NUNCA	38%

COMPETÊNCIAS DA CRIANÇA SEGUNDO OS PAIS

Em %

Instalar jogos	56
Encontrar conteúdos do seu interesse	50
Apagar jogos/aplicações	31
Localizar aplicações/programas	28
Fazer download de aplicações	19
Usar a internet	19

FONTE: FCSH/UJL (RELATÓRIO FINAL "CRESCENDO ENTRE ECRÃS — USOS DE MEIOS ELETRÔNICOS POR CRIANÇAS DOS 3 AOS 8 ANOS")

uma minoria, chegam a 15% das famílias.

Em relação ao uso da internet fica claro que há uma maior preocupação dos pais e mais restrições. Ainda que acreditem no valor pedagógico da rede — 65% concordam que usar a internet é “bom para o desempenho escolar” — também temem o que os seus filhos podem lá encontrar. Por isso tendem a adiar o contacto: apenas 23% das crianças entre os 3 e os 5 acedem à internet. Mas este número sobe para 62% entre as que têm 6 a 8 anos. Mesmo assim, sublinha a investigadora da FCSH, os números ficam abaixo de outros países, como o Reino Unido.

O estudo reflete ainda a prática de jogos digitais. Metade das crianças nestas idades jogam, sobretudo através dos *tablets*. O clássico Super Mário, jogos de futebol e de corridas de automóvel são os mais referidos. Em média, fazem-no durante menos de uma hora por dia (43 minutos) e quase uma hora e meia ao fim de semana.

Os ecrãs estão por todo o lado e as crianças têm o direito de os utilizar, de uma forma “orientada”. Mas essa perspetiva não deve ser nem “deslumbrada” pelas potencialidades do seu uso e a tentação dos pais de “dar sentido pedagógico” a tudo o que as crianças façam, nem excessivamente “protetora”, para que “não corram qualquer risco”, resume Cristina Ponte. No entanto, avisa, este “admirável mundo novo” em que nascem e crescem as crianças “precisa de ser levado a sério”. “A recolha de informação sobre o que fazem e gostam é permanente e é utilizada para publicidade e outras decisões que nem suspeitamos. A privacidade das crianças tem de entrar para a agenda.”

ileiria@expresso.imprensa.pt

O QUE DIZEM OS PAIS

Só começámos a conseguir ir comer fora quando apareceram os telefones móveis desta geração

Mãe de uma criança de 8 anos

Aproveito para fazer muita coisa ao fim de semana e é verdade que acabamos por deixá-los um bocadinho com a televisão. Há coisas para fazer. Há roupa para lavar e passar. Há tudo e eles acabam por sofrer um bocadinho com isso. Não há outra hipótese

Mãe de duas crianças, de 5 e 2 anos

Já lhe disse que quando joga tem que pôr em modo de voo, para não ter tantas radiações. Agora é capaz de estar ali escondido a jogar. Eu ainda não me impus

Mãe de um rapaz de 4 anos

Pais apercebem-se tarde dos perigos dos ecrãs

Especialistas alertam que o uso excessivo de novas tecnologias coloca em risco relação entre adultos e crianças

Só quando os filhos se começam a isolar ou a não conseguir comunicar sem ser através de um ecrã, é que os pais se apercebem que a relação da criança com o monitor está a ser nociva. Até aí, telemóveis, *tablets*, consolas e computadores são vistos como algo confortável que facilita o comportamento dos menores. “Intuitivamente os pais têm noção de que não é correto. Não têm é a noção de como é incapacitante para um conjunto de competências que as crianças precisam de ter”, afirma o pedopsicólogo Eduardo Sá.

As novas tecnologias não são, por si só, um perigo para as crianças. O problema é que os pais se servem delas como forma de entretenimento. Isso acontece, por exemplo, no restaurante quando o telemóvel ajuda a esperar pela comida, ou, em casa, quando é a televisão que fica a tomar conta da criança. “É tranquilizador para

os pais. Enquanto dantes iam com as crianças a um restaurante e eles faziam uma birra, agora podem dar-lhes o telemóvel, elas ficam entretidas e os adultos podem conversar”, exemplifica Luis Fernandes, psicólogo educacional e autor do livro “Cyberbullying — Um guia para pais e educadores”.

Uma relação nociva com um ecrã que pode trazer consequências graves ao desenvolvimento social e emocional da criança. Aos consultórios de pedopsiquiatras e pedopsicólogos chegam, cada vez mais, casos de crianças que não conseguem ler um texto em voz alta na sala de aulas, que só são capazes de falar com os outros através de um *chat* virtual, sem capacidade para fazer e manter amizades, e, nas piores situações, com conversas desconexas da realidade. “Distraem-se, ficam com pouca capacidade em processar estímulos fora do ecrã”, frisa Filipa Dias da Silva, pedopsiquiatra do Centro Hospitalar de São João, no Porto.

Está também a perder-se a noção do que é o tempo de espera. Da mesma forma como já não há

tempo para esperar pela comida no restaurante, também não há paciência para estudar e esperar pelo dia do teste. “Isto ainda é algo bastante obscuro para os pais. Só têm noção de que algo se passa quando chamam a criança para jantar e ela não vai ou quando a mandam para a cama e ela desobedece”, defende o pedopsicólogo João Faria.

Relação com os pais afetada

Mas não é só o comportamento das crianças que é afetado. É também a sua relação com os pais. “As crianças olham para os adultos como uma bússola empática, como um guia. Assim, o adulto está a descuidar a educação da criança”, afirma a pedopsiquiatra Clara Vasconcelos. E apesar de parecer que se vai num caminho sem retorno, os especialistas dizem que é urgente reatar as relações cara a cara. “Há novas tecnologias, mas as crianças são sempre crianças. Têm a mesma capacidade de brincar e de se entreterem”, sublinha Filipa Dias da Silva.

CAROLINA REIS
cbris@expresso.imprensa.pt

CRIANÇAS JÁ SÃO DONAS DE 63% DOS TABLETS LÁ DE CASA

TENDÊNCIA Pais olham para os *tablets* como um dispositivo adequado aos mais novos, revela o primeiro inquérito ao uso de meios eletrónicos por crianças entre os 3 e os 8 anos. Mas também são usados como *baby sitters* ou moeda de troca **P20**

